

FAE SÊNIOR – UM PROGRAMA DE INCLUSÃO DA TERCEIRA IDADE

Nicolli Balzan¹

Denise Terezinha Monteiro Machado²

Carlos Roberto Oliveira de Almeida Santos³

RESUMO

Despir-se de pensamentos velados; quebrar valores sedimentados e se reinventar à medida que o tempo passa, isso é envelhecer. Inerência ao tempo, descaso pelo presente e ausência de percepções para o futuro também é envelhecer. No entanto, envelhecer não tem idade. A velhice não torna as pessoas chatas ou doentes, o que as torna assim são suas atitudes. O passar dos anos apenas intensifica qualidades e defeitos. Ficar velho não é um “defeito”, como muitos pensam. Envelhecer é uma condição que se aplica a todos. A grande diferença é de que maneira ela será trabalhada. É por meio de projetos de extensão e de inúmeros outros projetos voltados ao público sexagenário, como o projeto FAE Sênior, que idosos recebem da sociedade, e principalmente do meio acadêmico, uma maior visibilidade, deixando para trás a rotularização “idoso”, imbuída de conceitos prematuros e tornando o termo cada vez mais rico de significados positivos, mostrando, dessa forma, que o envelhecer deve ser visto com novos olhos. O Projeto de Extensão FAE Sênior, um programa de inclusão da terceira idade, propõe um espaço educacional específico para o idoso, partindo da premissa de que o importante é viver mais tempo, com qualidade,

¹ Aluna do 4^a período do curso de Pedagogia da FAE Centro Universitário e Letras Português/Inglês da Pontifícia Universidade Católica. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail:* nicollivicentina@hotmail.com

² Especialista em Saúde Coletiva e Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Coordenadora do Projeto de Extensão FAE Sênior. *E-mail:* denise.machado@fae.edu

³ Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail:* carlos@fae.edu

saúde física, mental e autonomia, pretendendo valorizar a pessoa idosa cada vez mais. Essa ação de educação não formal, embora recente, já apresenta no Brasil e no mundo embasamento suficiente para respaldar a nossa pesquisa e apresentar resultados significantes, atestando a importância da existência de projetos como o FAE Sênior. Não é apenas um projeto, mas sim, um estilo de vida que infere na estrutura de toda a sociedade atual. Comparar o que temos hoje com as melhorias que devem acontecer no amanhã é necessário para que o futuro que almejamos enquanto futuros idosos seja concretizado. É por meio de ações no presente que designamos ao futuro nossas projeções.

Palavras-chave: Educação. FAE Sênior. Idoso. Projeto.

INTRODUÇÃO

Idoso ou velho? Terceira idade ou melhor idade? Dependência ou autonomia? Qual é o termo mais adequado quando falar com uma pessoa sexagenária? Por que tudo que está ligado às pessoas com sessenta anos de idade, ou mais, é tão cheio de tabus e rótulos?

No decorrer desta pesquisa, muitas questões, que podem ser consideradas “polêmicas”, foram levantadas. É necessário que ocorram discussões, embasadas em conhecimentos científicos, que saiam do superficial “eu pensava” para que sejam construídos, aos poucos, pensamentos claros e sem preconceitos a respeito das inúmeras atividades que a terceira idade é capaz de realizar.

O projeto FAE Sênior, presente na FAE Centro Universitário, é um projeto de extensão que oferece um espaço de convivência e aprendizado para aqueles que vivem a terceira idade de forma plena (FAE, 2016). Essa apresentação está presente na página *on-line* oficial do projeto, que é considerado respectivamente novo, pois existe há cerca de dois anos com esse nome e levando a logo da FAE. Contudo, já é de grande êxito e a cada dia mais se torna referência para outros projetos que, assim como o FAE Sênior, estão voltados para atender, por meio da educação permanente, a ampla gama de necessidades que os idosos têm e merecem receber da nossa sociedade.

É necessário derruir os rótulos prepostos e alcançar o processo de reconhecimento social do idoso e da velhice na sociedade contemporânea, mostrando a importância e as práticas do projeto FAE Sênior, que, segundo a pesquisa que está sendo descrita, agregam qualidade de vida para essa faixa etária que a cada dia está crescendo.

O perfil do idoso ainda é desenhado com preconceitos e conotações negativas. Não raras vezes, os idosos são considerados sujeitos improdutivos e sem capacidade de aprender. A velhice, enquanto etapa da vida, não constitui um processo unicamente biológico, mas sim uma construção social. O envelhecimento não implica necessariamente a deterioração física e mental, depende de cada indivíduo e sua saúde.

Infelizmente, o “idoso” ainda é impregnado de termos carregados de preconceitos e hostilidades, não apenas por pessoas mais jovens, mas também pela classe que é o objeto desta pesquisa: a terceira idade.

1 ATUALIDADES X ENVELHECER

Muitos idosos não gostam dos termos empregados para corresponder a sua atual idade cronológica, isso é, à faixa etária na qual se encontram. No entanto, por quais motivos de tamanha resistência em assumir a idade cronológica?

Observando os integrantes do projeto FAE Sênior e contrapondo com as pesquisas, presentes neste trabalho, realizadas com pessoas entre dezenove e cinquenta anos de idade, é possível identificar alguns aspectos que tornam essa resistência concisa. Observemos uma pequena metáfora utilizada por Pacheco (2005, p. 65), que ilustrará esse pensamento.

Em poucos anos, eles se modificaram centenas de vezes. Desenhos modernos, bonitos e funcionais são criados para que as pessoas pareçam antenadas, jovens e bem-sucedidas. O medo da transformação que surge com a velhice assemelha-se um pouco ao fenômeno dos celulares. Tem-se medo de envelhecer como se tem receio de ser ridicularizado ao usar o aparelho antigo de dez anos, como os tijolões dos “tiozinhos”. O ser humano envelhecido é-nos apresentado, pela ideologia dominante, como o aparelho ultrapassado. Fala, mas ninguém quer!

Em nossa sociedade atual, ainda é muito presente o parâmetro de que apenas tem valor aquele que produz, que apenas é bonito, o que é novo e que tem maior valor, o que é novidade/lançamento. Em outras palavras, o indivíduo que se mantém ativo no mercado de trabalho produzindo é o que tem maior valor. Muitos ainda acreditam que a pessoa parada apenas traz prejuízos e gastos para a sociedade.

Das pesquisas realizadas com os idosos participantes do projeto, foi possível identificar que muitos não têm problemas em aceitar e assumir a idade, porém não são todos, assim como não são todos que veem o termo “velho” como pejorativo, mas, em suma, eles dizem que é a maneira como esse e outros termos são empregados que os torna pejorativo ou não.

Em contramão, todos relataram que os mais jovens ficam extremamente surpresos quando os idosos assumem que frequentam uma faculdade – no caso, o local onde o projeto FAE Sênior é ministrado: “Alguns amigos mais íntimos olham espantados e perguntam: ‘Mas o que é que você vai fazer lá, jogar bingo?’”. Essa visão equivocada ainda é a dominante no meio em que a pesquisa foi realizada, e teme-se que não seja apenas um caso isolado.

“Ficar velho” é ainda uma expressão, pode-se dizer que, para aqueles que escutam, soa pesado e, para muitos, até como falta de respeito. No entanto, “ficar velho” é um privilégio – e um privilégio para poucos. Estamos diariamente envelhecendo, e envelhecer é uma dádiva. Pode ser considerada uma pessoa de sorte aquela que envelhece.

O termo *velho*, como dito anteriormente, vem carregado de pré-conceitos, os quais taxam a palavra como ruim e, aleatoriamente, projetam nela inúmeras doenças, incapacidades, remédios e até proximidade da morte.

Segundo Belém (2008), o envelhecimento populacional é um processo lento, que leva à progressiva perda de contatos sociais gratificantes, com o início em algum momento da vida de um dado ser humano, acentuando-se em diferentes ocasiões, e que, por meio de avanços e recuos nem sempre precisos, podem levar à chamada morte social.

Idosos participantes do projeto FAE Sênior relataram que as amizades adquiridas pela participação do projeto é um dos fatores que os impulsionaram a novas coisas. Inclusive, foi relatado pelo participante Gerson que, quando ele esteve doente, o amigo Adyr fez-lhe companhia no hospital. Eles se conheceram por meio do projeto, são amigos e têm grande estima um pelo outro. A fase adulta de uma pessoa pode corresponder a 35 anos (25-60 anos de idade), enquanto a fase velha de uma pessoa não é definida. Sabemos que pela Lei n. 10.741 de 2003 art. 1º que “às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos” têm seus direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso, sendo assim, considerado para muitos o início da velhice, mas não sabemos quando a velhice irá acabar. Podemos ter apenas uma breve noção por meio dos levantamentos de estatística de vida que são realizados.

O Brasil tem uma média de estatística de 75,2 anos (IBGE, 2015) de vida para ambos sexos. Como dito, uma média e a projeção para 2050 é que o país continuará galgando anos de vida, alcançando o patamar de 81,29 anos, semelhantemente ao nível atual de países desenvolvidos (IBGE, 2015). Avanços tecnológicos e melhorias nas condições de vida, repercutiram positivamente, elevando a estatística de vida do brasileiro. Sardenha é uma cidade “Com uma das maiores proporções de centenários do mundo – sendo 22 para cada 100 mil pessoas, a ilha italiana tem média de vida de 81 anos” (NÔMADES DIGITAIS, 2016). O que mostra que é impossível definir ao certo quantos anos de idade uma pessoa terá, podendo a fase velha ser a mais longa.

Motta (1989) apresenta indicadores que, segundo ele, são característicos do envelhecimento social, como: progressiva diminuição dos contatos sociais, distanciamento social, progressiva perda do poder de decisão, progressivo esvaziamento dos papéis sociais, gradativa perda da autonomia e independência, alterações nos processos de comunicação e crescente importância do passado. Se considerar esses indicadores e que a fase velha pode ser a mais longa, é necessário pensar com cuidado e urgência no que vem sendo ofertado para essa faixa etária que a cada dia vem crescendo, bem como no tratamento que a sociedade está dando para ela.

Segundo Quadros e Oliveira (2013, p. 38),

as políticas públicas voltadas ao idoso precisam afirmar que os direitos destes sejam garantidos não apenas no formato no da lei, mas sim, implementados de acordo com as prerrogativas legais. Além das políticas públicas gerais para a demanda de idosos, há uma questão de ordem específica que se firma no próprio Estatuto e demais normativas firmadas para a pessoa idosa.

A visão do idoso que se aposentava e que agora poderia gozar da sua velhice apenas fazendo bolinhos de chuva, cuidando dos netos, jogando botão na praça, indo ao bingo e fazendo crochê está a cada dia mais extinta. Esse antigo padrão pode favorecer o indivíduo que quer gozar da sua fase velha dessa maneira, mas é válido ressaltar que os dias são outros.

Atualmente, a aposentadoria não é vista como um prêmio, quem sabe o é apenas nos primeiros meses, pois foi relatado para nós, pelos quarenta e cinco senhores e senhoras que participaram da presente pesquisa que “no começo, a ideia de ficar em casa parece agradável, muito legal, mas depois não se tem mais o que fazer, tudo perde a graça”.

Quando os jovens que responderam a nossa pesquisa foram questionados com o que pretendiam fazer quando alcançassem sessenta anos de idade, a resposta que mais foi encontrada foi a seguinte: “Não sei bem ao certo. Acho que viajar, conhecer muitos lugares, gastar muito dinheiro, porque, afinal, vou estar aposentado. Não vou precisar trabalhar, apenas vou curtir a vida sem ter que fazer nada”. O “sem ter fazer nada” ainda é pejorativo, pois o idoso a cada dia mais tem o que fazer e deve ser visto como um protagonista, que é um dos principais pontos identificados que a FAE Sênior explora.

Em uma sociedade onde o imediatismo e o ritmo acelerado são característicos, parece que pessoas idosas não têm espaço, nem ao menos são consideradas. São lembradas apenas quando mencionadas.

Com a aproximação do projeto FAE Sênior, observamos que os idosos estão mais resilientes a sociedade e a seus pensamentos dominantes, quase sempre pejorativos e pequenos. Observamos também que, a cada dia, eles estão buscando novos saberes e representando um percentual maior em projetos como o citado anteriormente.

Não se trata de apenas um projeto, mas sim de um estilo de vida que infere na estrutura de toda a sociedade atual; esta apresentou jovens despreocupados com seu envelhecimento, sem projeções quanto ao futuro de longo prazo e extremamente compulsivos pela ideia que é vendida: de que consumir e gastar dinheiro são a melhor forma de viver a vida, sendo que a sustentabilidade (da qual vem sendo alertada a importância para a sobrevivência da nossa espécie há um bom tempo) e a necessidade

de uma rede de sentimentos tecida ao longo da vida são totalmente ignoradas, como se ficar velho não fosse um “problema” de toda sociedade.

Muitos dos jovens abordados na pesquisa, quando relatamos o que era o projeto FAE Sênior, mostraram-se surpresos e afirmaram não conhecer essa modalidade de ensino. Surgiu muita curiosidade em relação a compreender o que é ensinado em um projeto assim, e os devidos esclarecimentos foram feitos. Contudo, foi observado que, quando falamos sobre a educação permanente, a visão existente é de analfabetos tornando-se letrados, o que de fato não está errado, mas também não está certo, se colocado como referencial ao projeto FAE Sênior, o qual não tem esse objetivo, caindo novamente na questão dos rótulos e pré-conceitos, os quais tabulam que a maior parte dos idosos são analfabetos e que apenas retornaram para projetos voltados à educação para serem alfabetizados.

A educação especializada na terceira idade é ainda muito prematura no Brasil, sendo recorrente a comparação com EJAs e a alfabetização de adultos. Gadotti (1984, p. 69) afirma que “a educação permanente visa uma educação rearranjada, refletida e integrada no seu todo. Ela sustenta a ideia de um controle de todos os recursos educativos possíveis de uma sociedade e de sua execução” e é por meio dessa premissa, onde todos os pontos presentes de uma sociedade devem ser abordados para que ocorra um ensino maior e que abrangente, que o projeto FAE Sênior vem sendo executado, buscando novas disciplinas semestrais e possibilitando aos discentes do projeto uma intertextualização global.

Quando questionamos os jovens se teriam interesse em participar do projeto FAE Sênior ou de outro projeto similar, as respostas foram variadas, sendo algumas totalmente a favor e outras contra. Uma das entrevistadas, Neidi, com 26 anos de idade, relatou o seguinte:

Hoje viajo bastante, estudo, tenho muitos projetos para o futuro, não posso ter um animal de estimação, mas visito locais que cuidam de animais para que futuramente eu saiba cuidar do meu animalzinho. Estou sempre observando as plantas, flores, me preparando para que, na velhice, possa passear no meu lindo jardim, como faz a minha avó. Não sabia que era possível estudar depois que ficar velha, e saber que existe isso hoje em dia é mais uma coisa que estimula e me faz ter menos medo de envelhecer. Eu não bebo, não fumo, respeito as pessoas, me alimento bem e faço exercícios, acho que chego até lá.

Diferentemente de muitos jovens entrevistados, Neidi tem projeções de chegar à terceira idade e encarar como sua avó encarava, pois essa foi a realidade que ela conheceu, era isso e outras atividades restritas que “sobravam” para o idoso fazer depois que conseguia a aposentadoria. Como dito anteriormente, é cada vez mais extinta a

visão do idoso que irá se aposentar e desfrutar das belezas da vida. O tempo é outro e, com ele, novas possibilidades surgiram e tendem a surgir cada vez mais, pois projetos voltados à educação do idoso ainda são pioneiros em nosso país. Pioneiros, mas reais, existentes, e ganharão mais e mais proporção.

Uma resposta unânime em nossa pesquisa foi que: os entrevistados que têm avós vivos gostariam que estes participassem de programas assim especializados ao atendimento educacional da terceira idade ao invés de ficarem as tardes em casa, pensando na janta, assistindo novelas e etc. “Nossa, se minha vó participasse ela seria até mais boazinha de espírito e saúde, acho que por ela ficar tão sozinha ela é meio ranzinza”, relatou Pedro de 20 anos.

A velhice para muitos pode ser uma fase difícil, na qual trabalhar com ausências e outros problemas que afetem diretamente o emocional pode não ser uma tarefa fácil. Além de atentar-se a esse fator, inúmeros outros devem ser abordados para que realmente ocorra uma integração do idoso, onde ele seja o protagonista e não apenas mais um em meio uma peça, em meio à vida, pois infelizmente a pessoa, depois que atinge determinada idade, para muitos, se torna dispensável, apenas mais um em meio a outros tantos.

Comparar o que temos hoje com as melhorias que devem acontecer no amanhã é necessário para que o futuro que almejamos, enquanto futuros idosos, seja concretizado. É por meio de ações no presente que designamos ao futuro nossas projeções.

Os idosos não devem ser vistos como coitadinhos e improdutivos. Eles têm muito que ensinar e, além disso, a troca entre as gerações são imensamente ricas e únicas. Nada se compara a conviver com pessoas idosas, há saberes que apenas elas saberão transmitir.

Os idosos têm uma ampla gama de necessidades e interesses como fatores que impulsionam a sua motivação para continuar como cidadãos atuantes. Entre essas necessidades se destacam: a atualização, a integração, o reconhecimento social, os novos conhecimentos, a autorrealização e a contribuição para a sociedade. Essas motivações justificam a importância das iniciativas relacionadas à educação não formal, como estratégias que contribuem para a promoção da saúde do idoso.

Na pesquisa realizada com a FAE Sênior, foi solicitado que escrevessem a importância de participar do projeto. Entre os relatos, trazemos o de Beatriz Monteiro Galhard, com 71 anos de idade. Este relato fez a todos que trabalharam na pesquisa refletirem profundamente:

Viver a terceira idade

Quando jovens raramente pensamos na velhice, mas quando ela chega, nos

perguntamos o que fazer para não ficar só olhando a vida passar. Temos então que dar continuidade com atividades saudáveis que nos permitam ficar inseridas na sociedade. Precisamos de novos estímulos de acordo com nossas necessidades e aí vem a pergunta: Agora aposentadas vamos fazer o quê? O processo de envelhecimento começa a se manifestar, mas podemos aproveitar esta etapa da vida.

Temos potenciais a desenvolver, os sonhos não envelhecem. Aprender não ocupa lugar. O conhecimento torna as dificuldades mais brandas e solucionáveis.

Então voltar às salas de aula, foi a grande ideia, precisamos até queimar alguns bloqueios. Decidi participar da FAE Sênior, dedicada aos ensinamentos e renovação para a terceira idade e que nos é oferecida muitas oportunidades.

Estamos constantemente em transformações. Nossas aulas duas vezes por semana nos tornam até mais compromissadas com o setor produtivo da sociedade.

Aprendemos que somos até passíveis de mudanças, sim mudanças, por que não? Aprendemos ser mais flexíveis, ter mais paciência e mais discernimento. Nosso envolvimento emocional fica mais fortalecido, pois aqui na FAE Sênior cantamos, dançamos, representamos e estamos em constante aprendizagem.

O relacionamento interpessoal é decisivo para uma boa qualidade de vida com momentos inesquecíveis.

Nossos professores, monitores, coordenação e funcionários da cantina nos tratam com muito carinho e respeito.

Descobri então um pote de ouro retornando as atividades escolares, nos devolvendo a juventude, a alegria, e a vontade de viver.

E o que define verdadeiramente esta decisão são as amizades, os abraços, os apoios, e a volta daquela criança que ainda existe em nós. Encontramos pessoas iguais e diferentes nos pensamentos, nas palavras e na maneira de ser, porém sempre colocamos o respeito mútuo em evidência.

É por meio desse e de outros relatos que qualificamos o projeto FAE Sênior como uma atividade essencial voltada à terceira idade. Assim como uma engrenagem, o projeto FAE Sênior atua na sociedade articulando todo um contexto. Em nossa atual sociedade, o culto à juventude e à beleza são extremamente visados, sem que os jovens tenham perspectivas ao envelhecimento, procurando mascarar a idade e a fisionomia como se fossem inerentes ao tempo. É neste contexto que a engrenagem FAE Sênior surge, reafirmando a cada dia sua importância e mostrando que não ser inerente ao tempo tem sua beleza.

São ações cotidianas que muitas vezes parecem inocentes, mas que estão excluindo cada vez mais e impedindo que ocorra a troca intergeracional. Segundo Gadotti (1984, p. 157), “a educação tem um papel político fundamental, ela deve desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências”.

Mudar simples atitudes cotidianas é um começo para que a engrenagem seja ativada, articulando toda a nossa atual sociedade que agora, muito mais que antes, deve voltar os olhos ao envelhecimento populacional da sociedade

2 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, a qual tem o objeto de estudo específico – o projeto FAE Sênior –, foi levado em conta que o pesquisador estivesse em contato contínuo com o projeto, para ocorrer um contato maior entre participantes, uma vivência entre pesquisador e objeto estudado – o idoso.

A pesquisa foi realizada por meio do contato direto, durante o período de dezesseis meses. Sendo qualitativa, foram aplicados questionários, além do acompanhamento semanal, observando detalhadamente a evolução dos participantes do projeto, assim como suas ricas contribuições, que foram citadas e introduzidas à pesquisa. Não há maior contribuição que a dos próprios participantes do projeto os quais serão identificados aqui como “autores da vida”.

O grupo da terceira idade FAE Sênior teve aulas todas as terças e quintas-feiras (com exceção dos meses de julho, dezembro e janeiro), das 14h às 17h. Ao acompanhar o projeto, podemos identificar as aulas ofertadas, a proposta de cada disciplina e observar atentamente qual era o impacto que essa turma estava tendo em suas vidas, pelo fato de estarem participando de um projeto totalmente voltado para a terceira idade.

Em nossa pesquisa foi citada a visão da sociedade atual em relação ao envelhecimento e aos idosos. Além disso, foi também realizado um questionário com jovens, ditos como “atuantes na sociedade”, com uma faixa etária correspondente entre dezenove a cinquenta anos de idade.

Todos os questionários e contribuições à pesquisa foram lidos e contrapostos uns aos outros, de forma que possamos ter a visão do jovem a respeito dos idosos e de si próprio, bem como dos idosos a respeito do jovem e de si próprio, tendo assim um parâmetro real para discursar e ser alicerce para a realização desta pesquisa.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Identificar o projeto FAE Sênior, enquanto um programa voltado à prática da educação à terceira idade, procurando compreender o que realmente está sendo

abordado era um dos principais objetivos, pois pouco se sabe a respeito de ações voltadas ao público do projeto FAE Sênior. Poder descrever e identificar essa prática, presente na faculdade FAE, foi um dos objetivos alcançados. Contudo, não podíamos restringir nossa pesquisa em alcançar apenas esses objetivos. Era necessário também procurar conhecer em que sociedade o projeto estava inserido e quais são as projeções dos jovens – acredita-se que os futuros idosos – para com esse público que está crescendo a cada dia.

Concluimos que, embora o projeto FAE Sênior já exista a cerca de dois anos na faculdade FAE, ainda é muito pequena a visibilidade que ele tem. O conhecimento que os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação têm a respeito do projeto é superficial e sem nenhum embasamento científico e crítico. Para que ocorra uma real integração dos idosos em centros acadêmicos, especialmente na faculdade FAE, é necessário que ocorram mudanças de pensamento, principalmente dos acadêmicos – acreditamos que, ao longo dos anos, ocorrerão naturalmente.

Trabalhar com pessoas idosas não é uma forma de assistencialismo, é uma forma de educação que deve ser levada a sério. Acabar com a visão do idoso deficitário e impotente só será possível se tivermos uma visão diferente, que deve ser ensinada desde os primeiros anos na escola, mudando essa concepção de idoso impotente, cheio de doenças e com proximidade da morte.

Embora pareça que a mudança de pensamento é longa e, em muitos casos, impossível, realmente apenas aparenta. Embora nossa pesquisa tenha atingido um pequeno número de pessoas, foi possível notar que o jovem, assim como o idoso, está mais resiliente, e que ainda que pareça improvável e inviável a troca intergeracional de forma espontânea, por exemplo, dividir salas de graduação e serem realmente colegas na busca do conhecimento, não é um sonho tão distante.

Os jovens com os quais conversamos acharam interessante e muito construtiva essa troca e convivência entre as gerações, mostrando e dando ainda mais suporte para que estudos a cerca da educação de idosos e integração destes no meio acadêmico ganhem a cada dia mais espaço.

Como defendido e explanado durante a pesquisa, o que ainda priva a troca entre as gerações e o convívio de forma natural é o pré-conceito presente na sociedade.

Sabemos que não será da noite para o dia que conseguiremos inserir os idosos no meio acadêmico de forma total, sem nenhum preconceito, e muito menos exterminar com todos os rótulos prepostos a respeito dos idosos. Entretanto, com o tempo, essas barreiras serão derruídas, não ocorrendo mais a rotularização e a medição da capacidade dos indivíduos de acordo com a idade.

Que possamos ter uma sociedade despida de pré-conceitos e embasada nos conhecimentos científicos a respeito desse tema tão atual, porém pouco abordado, mas presente na nossa sociedade: o envelhecimento. Existem pessoas idosas cada dia mais ativas, as quais não podem mais ser ignoradas apenas por estarem velhas. São pessoas que, independentemente da idade, carregam suas histórias, seus saberes e suas vontades.

Respeitar não é integrá-las à sociedade, elas querem mais, queremos e podemos mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar as pesquisas e a observação, foi possível identificar inúmeros pontos, entre os quais, o mais irrelevante é a participação ativa que os idosos presentes no projeto FAE Sênior têm. É evidente que o envelhecimento populacional é um fenômeno em escala mundial, sendo de responsabilidade das gerações sucessoras uma medida não apenas integradora.

A terceira idade não deve ser vista como uma geração de pessoas que sofreram durante suas vidas e que agora, no ápice de seus sessenta anos, merecem descanso e respeito apenas por serem mais velhos que outros. O respeito deve ser mútuo entre todas as idades, não apenas por configurar a imagem de um idoso.

É muito presente em conversas com jovens entre dezenove a cinquenta anos de idade a visão do idoso analfabeto, dependente dos filhos para comprar remédios, mal vestido, extremamente doente, sem vontade de nada, passando as tarde assistindo novelas, e, claro, a imagem de que todo idoso sabe apenas uma coisa com convicção: falar de doenças e reclamar. Será que é apenas essa a contribuição que idosos estão dando à sociedade, ou é apenas mais uma projeção sem fundamentos, caindo no senso comum barato, assim como a afirmação de que todo político é corrupto.

É latente a necessidade de avançar nas discussões e ações relativas aos programas para o idoso, pautados em bases científicas, que superem o superficialismo do senso comum. O idoso está se tornando cada vez mais ativo, participando assiduamente de cursos como o FAE Sênior, mostrando que não há idade certa ou errada para estar aprendendo, pois sempre é possível quando temos compromisso e responsabilidade.

A FAE Sênior ultrapassa a barreira de curso de extensão, sendo não apenas um simples curso, mas sim um “libertador”, pois, por meio dele, sonhos que eram adormecidos são reavivados, talentos escondidos são encontrados e um compromisso semanal é estabelecido, mostrando como a presença de cada um é extremamente importante.

A faixa etária atendida pelo projeto têm necessidades específicas, sendo a rotina, o compromisso e sua valorização enquanto pessoa as mais importantes. Para o idoso, é muito importante a relação de que ele é esperado em um lugar, ao invés de ser mais um em meio a tantos. Embora o projeto seja aplicado em uma turma com média de 50 alunos, é muito visada a atenção individualizada que cada idoso recebe, sendo esse mais um dos diferenciais da FAE Sênior.

É necessário mudar e é por meio de projetos e pesquisas que o processo de reconhecimento social do idoso e da velhice na sociedade contemporânea serão alcançados sem conceitos pré-definidos, mostrando que cada vez mais essa faixa etária está ativa e apta para desempenhar o papel principal dentro da sociedade.

ALGUMAS IMPRESSÕES NADA IMPESSOAIS

Nesse tempo que convivemos semanalmente com o projeto FAE Sênior, vivenciamos momentos alegres, momentos tristes, e muitos outros momentos, que ensinam como é bonita a vida quando sabemos vivê-la.

São mulheres fortes e homens fortes que para muitos não passam de velhos chatos, mas para nós são muito mais que isso.

São pessoas incrivelmente fortes e que mostraram como a vida pode ser bonita se olharmos para o lado e enxergamos além da beleza física que o tempo irá gastar; que a vida pode ser difícil e que muitas vezes irá derrubar tudo o que foi construído e sedimentado, inclusive os valores que pensamos ser imutáveis.

Julgamos ser donos de nossas vidas, mas não conseguimos controlar a ação do tempo sobre ela, e tudo um dia passará, seja a maior alegria ou o maior sofrimento.

O que restará é a saudade, que é um bom sentimento, sim, pois mostra que foi real, que existiu e que quem sabe um dia ela seja matada por um abraço, um beijo.

É preciso viver, viver intensamente, sorrir e não desistir, dar valor as pessoas que temos hoje em nossas vidas, pois não existe dor maior que a dor da perda, em especial a perda dos pais.

Conviver com a FAE Sênior mostrou como a vida pode ser rica e bela se soubermos viver dispostos a mudanças do tempo.

O tempo pode ser nosso maior amigo se aceitarmos a existência dele.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. M. S. **O idoso na sala de aula: um novo ator.** 2007. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.
- BATISTA, A. S. et al. **Envelhecimento e dependência: desafios para organização da proteção social.** Brasília: MPS. SPPS, 2008. (Coleção Previdência Social, v. 28).
- BEAUVOIR, S. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELÉM, M. J. S. F. **As significações do bem estar subjetivo e seus possíveis efeitos psicossociais sobre membros do Programa Vida Ativa.** 2008. 76f. Monografia (Especialização em Gerontologia) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.
- BORGES, M. C. M. O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In: VON SIMSON, O. R. de M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil.** Campinas: Alínea, 2003. (Coleção Velhice e Participação Política).
- BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1 set. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 29 jul. 2016.
- CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.
- CAMARGO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica.** Rio de Janeiro: IPEA, 2002. (Texto para discussão n. 858).
- FAE SÊNIOR. Disponível em: <<http://www.fae.edu/extensao/exibir-projetos/86472515/fae+senior.htm>>. Acesso em: 12 set. 2016.
- GADOTTI, M. **A educação contra a educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- GRINBERG, A.; GRINBERG, B. **A arte de envelhecer com sabedoria.** São Paulo: Nobel, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 21 fev. 2016.
- LOPES, E. M. M. **Motivos que levam pessoas com sessenta anos ou mais a buscarem a educação nas escolas.** 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.
- MARTINS, C. R. M. **O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais.** 2002. 168f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

NÔMADES Digitais. Os 15 lugares com maior expectativa de vida no mundo. Disponível em: <<http://nomadesdigitais.com/os-15-lugares-onde-as-pessoas-tem-vida-mais-longa-no-mundo>>. Acesso em: 12 set. 2016.

QUADROS, S. F. de. **O protagonismo dos idosos no Centro de Convivência do Idoso**: um estudo da implementação das Políticas Públicas no Município de Prudentópolis-PR. 2013. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

QUADROS, S. F. de OLIVEIRA, R. de C. da S. A UATI e a educação do idoso em sua nova representação social. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PROGRAMAS UNIVERSITÁRIOS PARA ADULTOS MAIORES, 6., 2015, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa, 2015.

_____; _____. **Educação de adultos como direito humano**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZACION (WHO). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

